

Editorial

Ainda poucas vozes: Jornalismo Internacional, Agências de Notícias e a busca pela pluralidade

Ivan Bomfim¹
Pedro Aguiar²

Os processos de convergência digital das mídias fracassaram em cumprir uma promessa de diversificar as fontes de informação sobre o mundo. Se, de fato, estão mais acessíveis as notícias e as imagens de terras distantes, isto não significa que haja maior pluralidade de vozes e de atores envolvidos nos fluxos globais. Pelo contrário: o cenário com que se trabalha hoje é, ao contrário do que se esperava no início da digitalização, mais concentrado do que fora há quatro décadas, quando estava em voga a campanha pela Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação (NOMIC). As quatro grandes agências de notícias da esfera capitalista, então denunciadas – Reuters, Associated Press (AP), Agence France-Presse (AFP) e United Press International (UPI) – hoje se reduziram a três, com a norte-americana Bloomberg cumprindo um papel complementar, segmentada na informação econômica e financeira. Os grupos de mídia fundiram-se em menos e maiores conglomerados, em proporções impensáveis na era analógica. E muito da comunicação estritamente no âmbito digital, inclusive de origem jornalística, hoje depende das interfaces oligopolizadas por três gigantes do Vale do Silício: Google, Facebook e Apple.

¹ Professor do Departamento de Jornalismo e do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). É um dos coordenadores do Grupo de Estudos e Pesquisas em Mídias Digitais (GEMIDI). Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: ivanbp17@gmail.com.

² Jornalista e professor de jornalismo na UFF. Doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Políticas e Economia Política da Informação e da Comunicação (PEIC) e do GP Geografias da Comunicação da Intercom. E-mail: pedreco@gmail.com.

Além disso, as estruturas para a prática da cobertura sobre outros países foram drasticamente reduzidas, muitas vezes sob alegação, por parte das gestões empresariais dos veículos, justamente de uma suposta prescindibilidade em função dos recursos digitais. Postos de correspondentes foram extintos, a cobertura cotidiana de política internacional perdeu espaço para o infotainment e os serviços de tradução de material estrangeiro se multiplicaram. A “era de ouro” dos correspondentes e do Jornalismo Internacional, paradoxalmente, chegou ao fim quando os meios para executá-lo se tornaram muito mais baratos e acessíveis.

O presente dossiê tem por objetivo trazer à luz, nesse cenário, debates sobre casos concretos de Jornalismo Internacional e de Jornalismo de Agências praticados atualmente, tomando especialmente o Brasil e outros contextos periféricos e semiperiféricos como perspectiva de referência. As alternativas desenhadas, seja no âmbito das mídias alternativas, seja na esfera do Estado, mostram seus potenciais e, ao mesmo tempo, suas limitações para oferecer ferramentas de cobertura estrangeira e de circulação da informação jornalística.

As atuais estratégias dos correspondentes brasileiros para reforçar e justificar seu trabalho frente aos cortes de custos das empresas jornalísticas são apresentadas no artigo de Luciane Fassarella Agnez e Dione Oliveira Moura. Partindo de entrevistas com 15 profissionais da área, as autoras identificam quais caminhos os repórteres baseados no exterior têm trilhado para fazer valer uma “identidade” profissional em meio à precarização e ao sobrefluxo de informações.

Tanto mais importante é a reportagem in loco no exterior quanto maior a urgência da notícia, o que é o caso, evidentemente, das situações de guerra e conflitos armados, o que Felipe Gomberg e Camila Welikson trazem no trabalho seguinte. Também empregando entrevistas como método, os autores confrontam conceitos básicos das teorias do jornalismo com a práxis profissional dos correspondentes, além de interpellá-la em suas aplicações didáticas para o ensino do jornalismo.

Num caso específico de um conflito vizinho que chegou à beira da beligerância aberta, Márcio Barbosa Norberto, Ada Cristina Machado Silveira e Mayara Souto Collar discutem a midiatização do fechamento das fronteiras da Venezuela com a Colômbia e com o Brasil, no início de 2019. Nesta modalidade híbrida que é o “jornalismo de fronteiras”, ao mesmo tempo internacional e local, os autores analisam a produção da

sucursal local de um portal nacional, o G1, buscando inferir enquadramentos e preferências na cobertura de um acontecimento em múltiplas escalas.

Neste ecossistema de meios, a televisão tem ainda inegável protagonismo, mesmo que em progressiva convergência com os suportes digitais, e é neste âmbito que Ana Carolina Vanderlei Cavalcanti e Isaltina Mello Gomes examinam as experiências narrativas nos telejornais do canal Globo News, um dos principais veículos para a cobertura internacional no mercado brasileiro atual, graças ao seu formato all-news, de jornalismo em tempo integral.

O trabalho anterior serve de ponte para os três últimos artigos do dossiê, versados sobre agências de notícias. Justamente no setor do audiovisual, a Ruptly, agência russa de notícias para TV, vem-se destacando como um “azarão” entrando num mercado duopolizado há décadas pela APTN (divisão televisiva da Associated Press) e pela Reuters Television. O estudo de caso sobre a empresa, de autoria de Maria Cleidejane Esperidião, joga os holofotes sobre a construção de narrativa jornalística como estratégia geopolítica – neste caso, adotada pelo Kremlin de Vladimir Putin – e de como, através de uma produção de qualidade técnica e estética, esta consegue ganhar clientela e se disseminar, inclusive nos canais brasileiros de televisão.

E é exatamente no Brasil, em que as turbulências políticas dos últimos anos deixaram marcas indelévels no jornalismo, que o serviço específico do Estado brasileiro para distribuir notícias gratuitamente à imprensa, especialmente do interior, vem passando por mudanças que alteram seu papel originalmente planejado. Trata-se da Agência Brasil, submetida à EBC (Empresa Brasil de Comunicação) e objeto do artigo de Akemi Nitahara Souza e Cristina Rego Monteiro da Luz. Desde 2015, o governo federal alterou sua relação com a agência de notícias, reforçando sua instrumentalização em favor das narrativas oficiais, o que só foi agravado de 2016 em diante.

Justamente outro caso de relação conturbada entre agência de notícias estatal e governo, num país periférico, é o tema do artigo de Rui Novais, que encerra o volume. Neste caso, a Inforpress, de Cabo Verde, é analisada pelas limitações e dilemas que sofre pela interferência governamental em suas rotinas jornalísticas.

O que se espera, ao final, é possibilitar a construção de uma visão ampla acerca das temáticas deste dossiê. O jornalismo com enfoque além das fronteiras nacionais e os processos engendrados pelas agências de notícias refletem, em grande parte, a estruturação do horizonte global - em perspectivas social, econômica, política e cultural -

ao longo dos últimos séculos. Não é exagero dizer que entender como o jornalismo sobre o mundo ajuda a construir a realidade que nos cerca é, possivelmente, um dos maiores objetivos daqueles que pesquisam os temas aqui reunidos.

Os editores.